



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XIX—N.º 486—Preço 1\$00  
27 DE OUTUBRO DE 1962

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CCKREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENCA ★ QUINZENÁRIO  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

## ANIVERSÁRIO DE PAI AMÉRICO

Em 23 de Outubro seriam os seus 75 anos. Seriam se a Eternidade tivesse medida!... Assim, somos nós que vamos festejando a data enquanto a nossa morada é este mundo, onde espaço e tempo são coordenadas a cuja definição ninguém foge.

Como de costume, os Pobres da Conferência dos nossos Rapazes vieram confraternizar connosco.

E — quase posso dizê-lo — como vem sendo costume, neste dia houve casamento. Foi o Daniel. Alguém dirá no próximo jornal de como foi a festa, se ele, Daniel, crónista-oficial da Casa, o não quiser fazer por se tratar de si.

E como o aniversário do dia em que nasceu a Raiz da Obra, vem sendo, desde a partida dele deste mundo, data de nascimento de vários rebentos dela, eu já fico a deitar contas sobre quem será o casal do próximo ano...

graças a Deus. Eles aí estão todos felizes da vida.

E devo dizer, por «môr» da verdade, que eles estão muito mais civilizados do que é costume os rapazes da nossa marca, quando para cá vêm.

Têm trabalhado como uns valentes e estão cheios de vontade de aproveitarem a escola. Os dois mais velhos até já mudaram para a 2.ª classe, apesar de há tão pouco ainda ter começado o ano lectivo.

Quando ao convívio «pluri-racial» a fotografia é expressiva. E ela não é «para inglês ver»!

★

ESTE ano foi uma farturinha de vinho, louvado seja Deus!

É certo que cá em casa não houve a preocupação do vasilha-me, graças às cubas que Sr. P.e Manuel mandou fazer o ano derradeiro. Ele até pôde ser tábua de salvação para alguns vizinhos, com as vasilhas que lhe sobraram — não contando as requisições de pipas de Sr. P.e Baptista e até

## ÁFRICA

Três profundas impressões estéticas, todas elevantes da alma, como é próprio das belezas que reflectem a Beleza, nós trouxemos de Africa este ano. Uma foi a Tunda Vala, aonde a bondade de um Amigo de Sá da Bandeira nos levou.

Toda a cidade, com seus arredores, é cheia de graça. Da Serra da Chela, ouvira cantar os encantos, mas não a conhecia senão das alturas em que o avião da D. T. A. a sobrevoa — ponto de vista distante em demasia para nos dar os contrastes da realidade.

Vinte quilómetros de estradão conduzem-nos à plataforma cerca de 2.300 metros acima do mar. Avançamos até ao miradouro. E de repente a serra acaba, cai verticalmente mil metros, sobre novo plano onde avulta o Pico Maluco e, para além dele, começa a desfazer-se sobre o deserto de Moçâmedes, até ao mar.

A sensação é de vertigem e ao mesmo tempo de serenidade. Julgamo-nos em uma imensa ponte de comando, silenciosa e refrescante, onde a grandeza de Deus é mais fácil de conhecer.

Todos repetimos o que têm feito todos os visitantes de Tunda Vala: Agarrámos em pedras e lançámo-las sobre o abismo à espera do som grave da pancada lá no fundo. São uns largos segundos, que nos parecem muito mais.

A segunda impressão colhemo-la na Fortaleza de S. Pedro da Barra. P.e Horácio celebrou ali, o nosso primeiro domingo de Luanda.

Nos baixos, em caverna natural, uma mesa serviu de Altar. A seguir, uma esplanada que dá para o mar.

Havia ali, protestantes, gentios e católicos. Veio à Missa quem quis. Antes, enquanto duas religiosas preparavam o preceito para a Missa, três padres confessámos perto de uma centena de homens. Que bom! Que consciências esclarecidas! Que sentida do pecado — ofensa a Deus! Que diferença destas nossas cristandades nortenhas, onde a rotina ainda não deixou apagar a atrição e pouco mais!

Depois, a Missa impecavelmente dialogada em latim. Centenas de vozes viris, bem timbradas, faziam uma só voz. Nos momentos de cantar foram cânticos em português e em quibundo. Ó beleza! A Comunhão aqueles mesmos que se haviam confessado deram a nota da refeição consumada que é essencial ao Santo Sacrifício.

Glória ao esforço missionário, de quem tanta incompreensão ouvimos! Que aquele aprumo, aquela preparação não se conseguem por geração espontânea!

Às sete da tarde celebrei eu em uma igreja da cidade. A fina flor enchia-a. Em volta do Altar senti silêncio e vazio.

Que imagens de beleza e título de responsabilidade nós trouxemos da Fortaleza de S. Pedro em Luanda!

A terceira recordação adquirimo-la no regresso. Foi S. Tomé. A ilha é paradisíaca. É uma montanha de verdura saída do mar. No interior a vegetação é luxuriante. Cacau e café. Fruta-pão, bananeiras pegadas umas às outras. A gente compreende a insolência dos naturais. É que a Natureza tudo oferece de quanto é essencial à vida.

O Párcio da Sé deu-nos uma volta pelo interior. Vimos uma cascata de sonho; panoramas que se estendiam até ao outro extremo da Ilha, que nos informaram ser ainda mais bonito do que a região onde é a cidade. Apesar da Ilha ser atravessada pelo equador, neste tempo, devido às correntes marítimas do sul, o clima é fresco e agradável.

Para exprimir o que é S. Tomé, a gente pensa em certos recantos da Serra de Sintra. Mas Sintra é apenas um pedacito de S. Tomé!

Que pena que tantas agências de viagens levem os nossos turistas por rotas estrangeiras e esta encantadora Ilha seja desconhecida de quase todos os portugueses!

Deus compense os Missionários do Coração de Maria, de S. Tomé, assim como os Franciscanos de Bissau, pela caridade com que nos acolheram e pelos encantos que nos proporcionaram.

AINDA não apresentara aos leitores do Famoso os três angolanos que trouxe este ano no regresso de África. São filhos do Rei dos Gingas, Soba fiel que morreu vítima do terrorismo.

Quando me pediram para os trazer, falaram-me em rapazes de 10, 11 e 12 anos. Disse que sim.

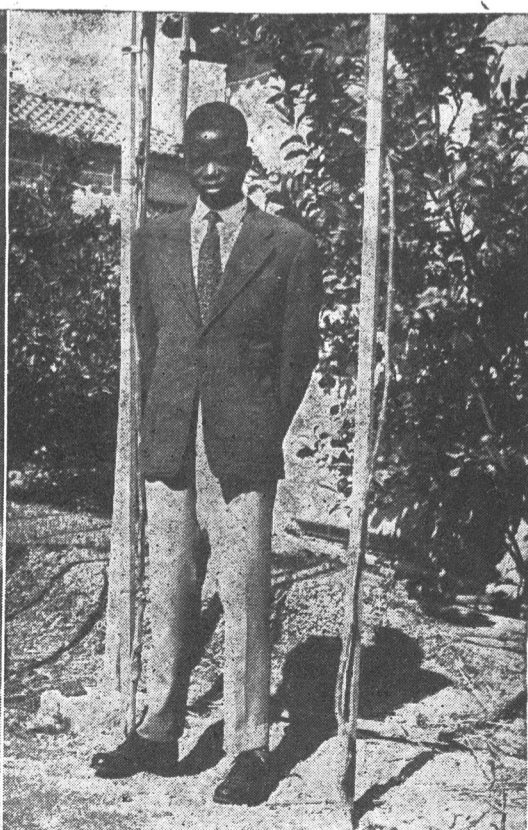
Na véspera da partida, apareceram-me estes, de 14, 16 e 18 anos. Tremi que eles não se adaptassem. Pois foi infundado o temor,

de Sr. P.e Horácio que, de suas casas, mandaram um S. O. S. e foram atendidos.

Continua na segunda página



### VISTAS DE DENTRO



A nossa Família estende-se aos cinco Continentes!

# O QUE NOS DÃO NO TOJAL

Vamos começar neste número as notícias do que nos dão no Tojal, e no Montepio.

Coisas de comer da Frigorífica do Tojal. E também o mesmo da Padaria da Rua Buenos Aires umas vezes, outras da Brasileira. Para nós e para os Pobres é Pão abençoado. Quando aparece a furgoneta em Monsanto, logo se houve da boca de muitos que nos rodeiam: É o senhor padre que dá pão. E desatam todos a pedir. As vezes que ali vou e não o levo deixo aquelas crianças mais tristes do que já são. Apesar da Ponte que lhes vai nascer por baixo dos pés ou por cima da barraca, o facto não muda o semblante nem interessa àquela gente. Eu tenho esperança que dias virão em que aqueles corpos mirrados, aquelas caras sujas e macilentas aqueles seres derrotados, hão-de transpor barreiras, chegar ao coração dos Governantes, arrancar decretos e viverem à luz do dia como irmãos nossos. Há-de ser difícil. Mas não é impossível.

Da Igreja dos Mártires, por esta vez não chegámos a 4 contos. Foi preciso a visita dos Lobitos de S. João de Deus mais um Augusto para os perfazerem. Uma nota de cem para o que mais for preciso e para a assinatura. Igual entregue a um vendedor. O mesmo mais metade a outro, em Ar-

## VISTAS DE DENTRO

Vem da primeira página

*Mas lá que a vindima tem sido uma revolução — isso sim! Há três semanas que a adega é o centro da casa. Sr. P.e Manuel não arreda. «Peniche» é o secretário de estado; «Casaca» o subsecretário. Os Carpinteiros foram requeridos de longa data. Os Troilhas da mesma sorte. De modo que tivemos mobilização geral! Ele mostrugadas! Ele noitadas! Muitas vocações de vindimadores, os quais colheram mais para as respectivas barrigas do que para os cestos! Depois, a pisa! Muita gente! «Tira-Olhos» mai-lo seu acordeão foi o animador! Cantadões, um rôr deles!*

*Estas vistas é que haviam de ter muitos observadores, para os senhores saberem como isto é!*

roios. Visitantes com cem e quarenta.

De A. Maia a pedir uma Missa 500\$. Alunas da Escola Josefa de Óbidos com mercearias mimos e 1542\$50. Empregados da Mobil 1.949\$00, 1.911\$50 mais 1.629\$30, com a sua amizade e simpatia mais os quarenta litros mensais de gasolina da Companhia. Bem hajam Patrões e Empregados tão amigos, e unidos para o bem. Da Praça de Damão de quem se aflige com as nossas aflições, mil. No Lar 300\$ de alguém que o Senhor chamou à Recompensa. Tanto nos ajudou e nunca lhe vimos a mão! Ou pelo Correio ou pela criada! Sempre tão a par dos nossos problemas! Deus chamou-a na mesma altura que outra amiga nossa. A mesma amizade discreta; o mesmo sentir conosco as nossas dores, a ponto de esquecer as próprias que a vitimaram. A Senhora D. Maria da Calçada da Glória e a Senhora D. Emília subiram finalmente para a Glória.

Duma Criada de servir, no Saldanha, todo o ordenado do mês, prometido todos os anos; e tanto carinho todas as quinzenas, para os vendedores do Gaiato. De tantas outras, nos peditórios sobretudo, tenho recebido provas de amizade e compreensão. Mas se destas admiro a generosidade, de tantas outras temo os filhos. Poderão contar-se em Lisboa as que estão em embaraços por terem um filho e por causa dele não encontram emprego? Tantas nos têm batido à porta. P'ra essas só que fosse, Lisboa precisava de muitas Casas do Gaiato. Mas quantas outras, se não perdem a honra, escondem o pecado... E quantas se tornam públicas? Façamos tudo para que o sábio decreto, ora saído, seja um passo para reabilitação social da criada de servir e um travão já não digo para elas somente, mas para os senhores e senhoras «de cartola» que nesta Lisboa de «mármore e granito, de muitas e desvairadas gentes» têm a sua vida de sociedade montada sobre estas pobres vítimas humanas. Adiante.

Visitantes de Algés com 300\$. Igual duma amiga da Obra. Grupo da L. O. C. de São Sebastião da Pedreira 71\$80. Um casal com 200\$. Menos 50 de M. A. Paixão

que aparece todos os meses. Mais o Pessoal da Nestlé com 504\$50. A. Antunes da minha terra cem. Um Sr. Eng.º da A. P. T. com 200\$ e visita repetida religiosamente todos os meses até hoje. Mais um Automóvel velho que nos deu a Land Rover de Lisboa. O melhor préstimo que teve foi o dinheiro que rendeu. Logo na mesma hora (era sábado) foi posto a girar. Assinaturas pagas à nossa Mãe Irene 350\$.

De F. J. Orey 2.500\$ e mais 300 nas ruas de Sintra. E mais o que a Esposa tão dedicada Amiga tem feito por nós e não cabe nestas colunas. Visitantes com cem e 200. Um grupo de Empregados de L'Air Liquide de Lisboa com 40\$ repetidos todos os meses. Do nosso fornecedor de lenha 50\$. Em dia raro de visitantes 140 mais um sr. Eng.º dos C. T. T. com cem e muita amizade e a ajuda sempre que apareço a pedir trabalho para a Tipografia. Nunca vi tanto desembaraço quer em ajudar-nos como no seu trabalho. Sempre igual a si mesmo. Mais visitantes ainda com 20, 50 e cem. De L. Pereira 200 e «agradecia uma oração pelas minhas faltas». «A humildade e a verdade são gémeas» dizia Pai Américo. E por esse mundo, andam tão discordantes! De uma filha Amiga que tem aparecido mais vezes 500 a pedir pelo eterno descanso de seu adorador Paisinho. Mais o almoço para todos os rapazes oferecido pela Sr.ª da Tranquilidade. Hoje mesmo voltou. Tão bom vê-los comer tão bem! Que a satisfação que a todos traz seja multiplicada ao infinito de felicidade no Céu. De Dias Ferreira 500 e as costumadas deliciosas amêndoas da Páscoa.

Amêndoas também de um Dinamarquês amigo. Para onde foi o outro, dos outros anos?

Mais de uma dívida mil e cem. Visitantes com 50 e vinte. Um sr. de S. João de Deus com mil. Mealheiro da Casa Batalha 30. Visitantes com 50 mais 46\$50.

Por aqui ficamos hoje. Deus do Céu derrame bênçãos sobre todos os nossos amigos de todos os momentos.

Padre José Maria

# TOTOBOLA

O artigo sob esta epígrafe saído no jornal de 29 de Setembro passado reavivou a fogueira entre os leitores de o **Famoso**. São muitos a desejar que se não deixe morrer a ideia. E todos, com esta sua manifestação, revelam a esperança de que a colaboração do Totobola nas casas para os Pobres venha a ser realidade.

Há um que se exprime assim:

**«Também jogo o Totobola e vou passar a escrever no verso do talão, a tinta bem encarnada apenas isto:**

**Sou pelos \$20 para casas do Património dos Pobres da Obra do Padre Américo. Lancem o apelo até confundir os medrosos».**

Ora este leitor vem ao encontro de uma ideia que resolveria de vez a indecisão. Era uma campanha de informação, através, possivelmente, de pequenos impressos espalhados pelos Agentes quando da distribuição das matrizes. E depois de algumas semanas de esclarecimento da ideia junto do grande público, perguntar-se-ia a este a sua concordância. A própria matriz poderia reservar um pequenino retângulo para o **sim** ou o **não** da resposta.

Este nosso leitor já está dando semanalmente a sua resposta. Assim como de muitos outros sabemos que por várias formas têm feito chegar a sua opinião favorável à Misericórdia de Lisboa e até ao mais alto Pelouro da vida nacional.

Que os nossos leitores, vários dos quais começaram a ser Totobolistas a partir da esperança de colaboração do Totobola no Património dos Pobres, alguns dos quais nos vão mandando já, regularmente, o seu óbulo de **concorrentes às apostas mútuas** — que eles vão já plebiscitando a Campanha, como o faz o nosso citado correspondente: **Sou pelos \$20 para casas do Património dos Pobres da Obra do Padre Américo.**

*Da que nós necessitamos.*

Oferta singela, simpática e digna de nota, é a de uma criança que, no dia da sua Comunhão Solene, se lembrou de nós. Decerto que já mais se esquecerá desse dia solene, e o Senhor se lembrará dela no Reino dos Céus.

Que as suas vestes imaculadas desse dia irrederado, não se manchem nunca, no caminhar deste mundo depravado.

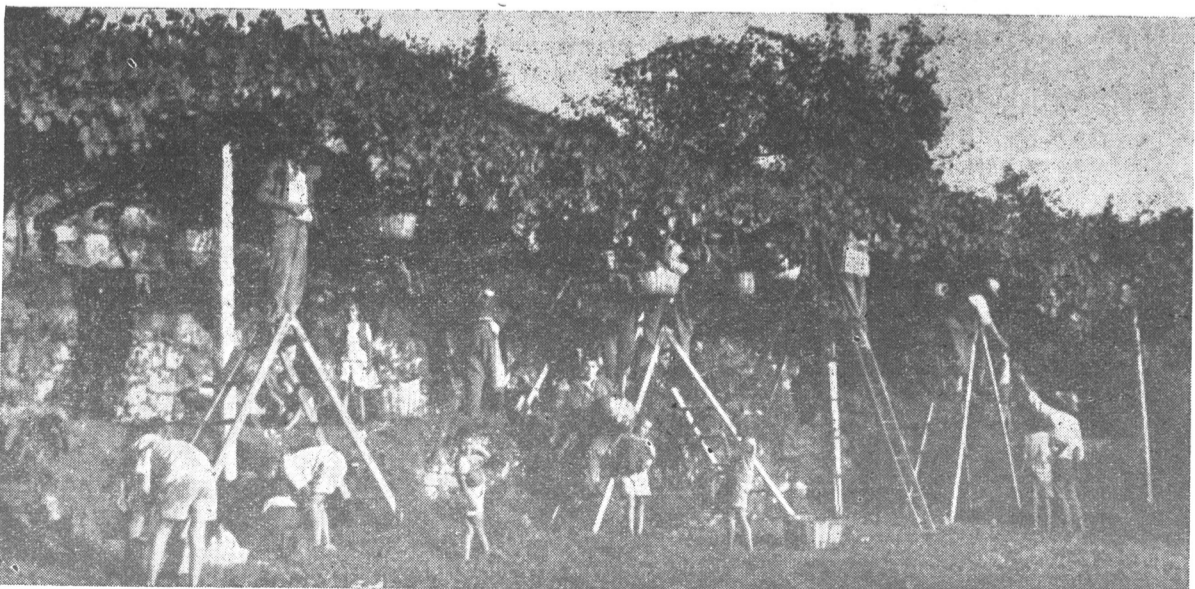
2.000\$ da Foz do Douro. Pessoal da Mobil com 87\$50. De «Um Pecador», 50\$. De Maria, pedindo orações, 20\$. Assinante 11894, de Ilhavo, 50\$. Josefa com 200\$. Lisboa com 21\$, em selos. Do Grupo de Pesca de Custóias, depois de ter concluído o seu Concurso Anual no Rio Ave, em Vilarinho, teve livre de despesas um saldo positivo de 41\$50, que acharam por bem confiar-nos.

Já por várias vezes, que a Gerência da Fábrica de Papel do Almonda — Torres Novas, tem oferecido grandes quantidades de papel às nossas oficinas gráficas, cujas dádivas são sempre recebidas com grandes expressões de contentamento da parte do Sr.

P.e Carlos e do Júlio Mendes. Que alívio, se outras Fábricas de Papel, instaladas por esse Portugal além, se lembrassem da nossa Tipografia! Papeis de escrita, bondes, capas, cartolinas... Um muito obrigado para a Gerência da Fábrica de Papel do Almonda, cuja amizade pela nossa Obra jamais lhes fará esquecer as nossas oficinas tipográficas.

Cá está a nossa «Avó de Moscavide», presente como sempre. E informamos que recebemos o aludido vale postal. Por intermédio de «O Comércio do Porto», 400\$. «Uma Serrana na Foz do Douro», enviou-nos 100\$. Dos funcionários da Curadoria dos Indígenas Portugueses em Joanesburgo, um cheque de 3 libras, que pessoa amiga para cá encaminhou.

A alegria na obtenção de bons resultados em exames, traz-nos lembranças de 20\$, 50\$ e 20\$. De «Uma Mãe», 20\$, pedindo a protecção de Pai Américo, para os seus 3 filhos. Lourenço Marques com 200\$. De Leiria, 500\$. Do Sr. Manuel da R. da Corticeira,



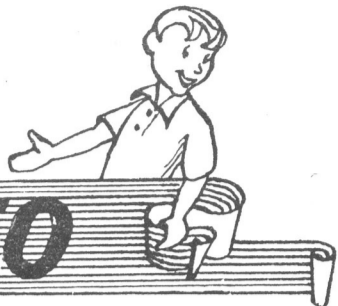
Grande azáfama nas nossas vindimas

## PAÇO DE SOUSA

TIPOGRAFIA — Hoje houve guerra na Tipografia. Houve sim senhor. Houve Guerra. Grande Guerra. Foi a bo-

veta. Mas não teve a ombridade de dizer: FUI EU. Todas as provas eram contra ele mas não se descozia. Até que, apertado, todos estavam com o estômago vazio e desanimados, pois pre-

# PELAS CASAS DO GAIATO



roa, desta feita fez a sua pregação como em um púlpito. E disse e disse e disse. Ela, a boroa, causa de tantas arrelhas e guerras, jazia imóvel, seca, estragada em uma das gavetas da composição. Era um pedaço dela. Estava ali. Só podia ser dali. Ninguém tinha entrado e as condições eram bem explícitas. Perguntou-se a todos de quem era. Não foi ninguém. A culpa é solteira. Há-de morrer solteira. Ninguém a quer. É incômoda. É, muitas das vezes, uma pedra que se acumula no monte do orgulho. A boroa estava ali sózinha, seca. Mas desta vez não ficou indifesa. Pregou. Esperou que fosse colocada neste sítio que é bem seu. Como, depois de se consultarem todos, não foi ninguém, também ninguém, ao meio dia saiu para comer, muito menos para o recreio que neste horário de verão é de duas horas. A merenda da mesma sorte. E à noite aconteceria a mesma coisa...

Na gaveta da Intertype havia outro bocado de boroa. Apareceu o dono. Era o Preto e portanto, toca de a comer. Estava também seca mas não teve culpa que a deixassem ali só. Também tinha sido ele da mesma da outra ga-

viam ficar sem a ceia, disse a verdade. Melhor, meia verdade, mas já não podia fugir mais...

Assim, como não tinha vergonha na cara, a mesma e a cabeça foram-lhe envolvidas em tinta de jornal, preta, custosa de sair. O seu chefe tirou-lhe as medidas com o galeão. Seguidamente, todos os outros, o castigaram da mesma sorte. Não mais estragará ou deixará ficar a boroa a estragar, pelo menos na nossa Tipografia. Pois, caro Preto, que isto te sirva de emenda, vai embora e não voltas a cair nessa...

JORNAL — Entramos no escritório e era uma grande azáfama. Manuel dos Santos que veio cá passar uns dias, Avelino que é o chefe e os pequenos da dobragem estavam todos, alegremente à volta com as fichas de correção para as colocarem em numeração seguida. Era trabalho. Era a satisfação que se lia nos rostos de todos. É uma alegria também quando se trabalha, com gosto, no que é seu. Nessa tarde e nos dias seguintes o trabalho também pregou muito alto na Administração do nosso querido Famoso. Que bom!



os 20\$ mensais, acompanhados de outros 20\$, por continuar a ter mais trabalho. Assinante 7493, com 1.500\$, para as maiores necessidades da casa. Do casal R. D. a presença costumada com 220\$. E informamos que receberemos com agrado, os jornais indicados.

De Lourenço Marques, 100\$ de um aumentosinho de ordenado, «dos meus dois filhos». Soure, aparece por duas vezes, com os 20\$ silenciosos. Portuense Maria com 200\$. De Rio Tinto, assinante que aparece por cá amiude, 100\$. Da Beira, 1.300\$ do assinante 21149. 70\$ mais 70\$, de senhora conhecida. A nossa assinante de Faro, com o pseudónimo «Apenas uma Algarvia», dizemos que recebemos vale de 1.050\$.

E chegou a vez dos Grupos Excursionistas, que há tempos nos visitaram. Do Grupo Excursionista «Unidos ao Carrigal», 160\$50, produto do sorteio de um candeiro de mesinha de cabeceira. De «Os Lusitanos», 50\$. Lembrança do grupo «A Rosa Branca do Seixo», 80\$ do: «Me Quereres Entre Quintas». E do Juventude do Telheiro Futebol Clube, 100\$.

De graças obtidas e promessas cumpridas recebemos 50\$ de S. Mamede de Infesta, 30\$ de Anta. Espinho, 20\$ de Santo Tirso, 35\$ do Porto e Tomar com 100\$. Novamente o Porto com 20\$ e 10\$ em selos. 100\$ de algures. Cabanas de Viriato com 20\$. De Lisboa 50\$. Duma Helena 20\$.

Camisola e 50\$, do Porto. De «Uma Operária», 210\$ e roupas para «o Calvário». Roupas de Lisboa-1. Idem, de Torres Novas. Retalhos de Bombarral e roupas de Redinha-Pombal.

Do Funchal, esta carta amiga e confiante:

«Como é hábito, pelo correio de hoje, lhe envio o vale de correio correspondente à diferença de ordenado dos dois primeiros meses, depois de promovido. São 1.400\$00 da minha participação nas vossas despesas. Que a Obra do saudoso Pai Américo continue a merecer as bênçãos de Deus».

Para aquele «que tem os pulmões desfeitos», 50\$. De «Uma Amargurada pelo dia 22», 50\$+50\$. De António, os habituais 100\$ para a viúva da «Nota da Quinzena» e outros 100\$, para ajudar uma mãe a alimentar seu filho. De E. D. M., do Porto, 240\$ e esta carta:

«Desde Setembro do ano findo que não envio a minha quota mensal como habitualmente. Mas isto deve-se ao facto de ter tido necessidade de me internar num sanatório. Mas felizmente já regressé curado com a ajuda de Deus. No entanto não quero deixar passar os meses que estive internado sem dar a respectiva mensalidade porque mesmo internado nada me faltou inclusivé o dinheiro. Isto foi grande graça de Deus. E como agradecimento por tanta graça quero repartir o que Ele me deu pela Casa do Gaiato, obra que eu tanto admiro e quero. Sendo assim, remeto a quantia de 240\$00 referentes a um ano completo: de Outubro último a Setembro findo. E oxalá que estes meus escudos sejam a semente boa que dê aí muitos mais».

Continuação da melhor saúde, e que o Senhor o ajude. Também nós desejamos os frutos da sua sementeira.

Uma palavrinha amiga ao Grupo Excursionista «Os Amigos da Casa do Gaiato», do Carvalho, que desde há um rol de anos, nos visitam anualmente. Este ano, trouxeram-nos 600\$00, cotisação de \$20 por semana, de cada sócio.

Obrigado, bons amigos, e até ao ano se Deus quiser.

E por último, atenção ao Grande Hotel da Bela Vista-Caldelas. Ao nosso assinante e amigo, que aí esteve a tratar-se dos seus males, um obrigado, por se não ter esquecido dos «nossos». Numa brincadeira entre companheiros do Hotel, arranjou «uma migalha» de 500\$, para cá, e igual migalha para «Belém».

E é tudo por hoje.

Manuel Pinto

FADISTAS — O Caetano Fadista. Depois do Vitorino da erva é o Caetano Fadista que anda na berlinda. É uma alegria estar à sua beira, sobretudo quando começa a fazer queda. E manda uma «pranta» dos diabos. Diz que quer ser fadista. Seguir a carreira do fado. Diz que tem fadistas na Família e até escreveu uma carta para o Mundo Desportivo para dar publicidade à sua categoria mas não teve muita sorte desta vez porque a carta não chegou ao destino. O Zé Adolfo, agora na tropa, é que foi o culpado por lhe andar a meter na cabeça e o Caetano julgava que era a sério e convenceu-se mesmo. E ninguém lhe tira da cabeça que quer ir para a rádio e televisão. Pobre em aspirações não o é concerta. Vamos a ver se melhora e se vai cantando o fado mesmo por cá que é muito mais português e saboroso — porque «fado gaiato»...

PERIQUITO — É o periquito pequenito. Um dos batatas que já fez delirar as multidões de vários palcos do país. É um alegre, como alegres são todos os gaiatos. Ele aqui está ao nosso lado, com as cuecas a fugir pela calça e uma alça despregada:

— Quando é que eu vou pró Sporting...

— Eu ouvi no rádio dizer que ele ganhou e por isso eu também quero ganhar...

— Ganhar o quê...

— Não ouves dizer «golé»...

— Quem mete «gol» não é que ganha...

— Pois...

— E eu também quero ser assim...

— E lá foi todo contente a correr para o Renato:

— Vês, eu já sou bom...

— Olha que burro...

— Foi o Daniel que disse. Pois eu sou bom...

Mas haverá algo que pague a alegria dos nossos rapazes? Não. Não há, senhores. Se querem ver é só vir por aí abaixo...

d a n i e l

## LAR DE COIMBRA

EMFERMEIRO — O nosso António Francisco (antigo Enguiço) terminou o Curso Geral de Enfermagem. Já fez o estágio e agora está a desempenhar a sua missão.

Temos esperança de que vai ser um bom enfermeiro, pois ele é muito paciente e dedicado e está sempre pronto. Deixamos-lhe aqui o nosso aplauso pelo seu trabalho para tirar o curso e os nossos parabéns, com votos de muitas felicidades.

x x x

Agora no Lar somos todos estudantes, excepto o cozinheiro, a quem chamamos Manteigas e que tem só 12 anos.

No curso liceal somos 5:

— O Satélite no 1.º ano

— O Rocha e o Manuelito no 4.º

— Eu e o Dinis no 5.º

Os outros frequentam a Escola Comercial e Industrial da noite e durante o dia trabalham nos seus empregos. São eles:

— O José Manuel, Carlos e o Helder no 1.º ano da Indústria.

— O Pinto e o Fernando no 2.º ano da Indústria.

— O Caldas, o Manuel e o Marques no 1.º ano do Comércio.

— O Joaquim no 3.º ano do Comércio.

É um Lar todo académico. O Sr. P.e Horácio só quer no Lar aqueles que, além do trabalho, querem tirar um curso.

Desde já recomendamos aos senhores leitores a necessidade que temos de livros de estudo, quer do Ensino Liceal, quer Comercial ou Industrial e de todo o material escolar principalmente estojos de desenho, gnaches, etc..

Desde já ficamos muito reconhecidos pela vossa generosidade e vamos lá ver qual dos leitores é o primeiro a levantar o dedo.

x x x

Com o ano escolar começa o ano de vida do nosso Lar. No primeiro do-

mingo fizemos eleições. Depois de irmos à urna seis vezes tivemos de combinar uns com os outros e ficou chefe o Joaquim e sub-chefe o Rocha.

Os nossos parabéns e desejamos-lhes que cumpram muito bem a sua missão, para bem de todos.

António Ferreira da Silva

## TOJAL

**IMPORTANTE** — Não sei se o assunto alguma vez terá sido abordado nos jornais. É possível que sim. No entanto ele é tão importante que não posso hesitar um segundo sequer em abordá-lo.

A última festa na freguesia do Tojal foi, como todas as outras festas em todos os outros lugares, de barulho, baile e mais nada. Para serem anunciadas, os programas das ditas festas dizem: «às 6 h. salva de 21 morteiros». E quando esse dia e essa hora chegam, começa um verdadeiro atentado ao sossego das pessoas que, a essa hora, descansam das fadigas do dia anterior. Mas a importância do facto não reside nas pessoas adultas, mas sim, nas crianças. Quando aquela série de 21 malfadados morteiros se faz ouvir, as crianças acordam assustadas chorando e gritando. Pergunto eu. Não será possível que se realize uma festa sem que sejam necessários os morteiros, que podem contribuir para um futuro muito mau para as crianças? Não terá maior valor o sossego delas que um estúpido tiro de morteiro? Ou será que a inconsciência e a irresponsabilidade dos homens já chegou ao ponto de nem ao menos as crianças respeitarem? É preciso que as autoridades ponham cobro a este desaforo. Acautele-se a saúde das crianças que elas são o oiro do mundo. Os pais que me lêem façam coro. E se alguém, com responsabilidades tiver encontrado este apelo, faça com que se proíba a alvorada de 21 morteiros. É muito importante e urgente.

SELOS USADOS — A campanha continua! Mas não é um continuar vazio. É cheio. Muita presença. Muito carinho. Muito amor. E muitos selos. Os incrédulos já me perguntaram: «Como queres tu pagar a máquina só com o produto dos selos? Seriam precisos milhões deles». Eu respondo: Do Rio de Janeiro o Sr. Adelino Domingos Maria enviou-nos uma encomenda de muitos e bons selos; Maria Augusta Cardoso, de Santo Tirso, idem; de Viseu outra encomenda de Deolinda Duarte; Um Casal de Gaiatos na mesma; da nossa Casa de Beire um grande embrulho deles; mais deles do Grande Sanatório do Caramulo; vem depois Olímpia do Céu Ferreira Pinto, de Bragança; de Cadima chegou-nos uma caixa deles e o Sr. Carlos Gil pergunta-nos qual a utilidade que eles podem ter. Como dissemos na abertura da Campanha, a renda dos selos reverte para o pagamento de uma máquina de impressão que já comprámos. Pode portanto continuar a mandar mais. Agora é o Porto com duas encomendas; a firma Baptista & Fonseca, Lda e da Rua Nau Trindade, 16-1.º-D.to; mais de «uma viúva de Mafra»; outra da Mãe Irene e finalmente a presença de... não. Não é finalmente porque o Rogério agora mesmo me entrega duas encomendas que um vendedor trouxe de Lisboa! E agora sim, é que aparece a presença de Rui Henriques Lopes, assinante de Almada, com uma encomenda de categoria que lhe dá, merecidamente, o lugar no quadro d'honra.

Aqui está a minha resposta. Ou melhor: a vossa resposta àqueles que não acreditam que a Campanha não dará os frutos de tal maneira abundantes que a máquina depressa estará paga. E ainda não começaram a chegar as en-

comendas das nossas províncias ultramarinas! E as companhias onde os nossos vendedores vendem também ainda não começaram. E vamos prá frente. Na próxima quinzena diremos mais alguma coisa. Por hoje ficamos aqui que o espaço é pouco no Famoso. A todos o muito obrigado do

Cândido Pereira

## MIRANDA DO CORVO

A ESTRADA — O aspecto exterior da nossa casa está agora completamente mudado:

A antiga ladeira, cheia de lama no inverno e de poeira no verão está toda alcatroada, graças aos Senhores da Câmara e um pouco também ao nosso esforço.

Ao cimo da estrada encontra-se o largo fronteiro à nossa casa que outrora sem adornos de qualquer espécie e no mesmo estado que a ladeira, está também alcatroado, tendo ao centro um cruzeiro em granito, como gostava Pai Américo, com um lindo jardim a rodeá-lo. O Largo está também ajardinado.

Os nossos visitantes já deram por isso e têm vindo em maior número. Só dos nossos amigos de Coimbra é que poucos têm vindo. Se soubessem quão belo isto está... certamente vinham cá mais vezes.

O NOVO CHEFE — Depois de 5 anos de chefe, o José Manuel deu a sua «pasta» ao João. O José Manuel foi durante os 5 anos de chefia aquele chefe justo, cumpridor do seu dever e sabedor do exemplo que deu aos seus subditos. Agora anda a estudar na Escola Industrial nocturna, em Coimbra.

O João é um rapaz em que depositamos muita esperança. A sua entrada como chefe começou com a comunidade à volta do altar, na primeira sexta-feira.

Nas horas boas e más que se lembre do exemplo que o José Manuel lhe deu. Aqui ficam, João os votos dos teus irmãos gaiatos para que sejas um bom chefe.

CONCÍLIO ECUMÉNICO — O Concílio Ecuménico Vaticano II começou em Roma, no passado dia 11. Assim como o Santo Padre vinha pedindo desde 1959 assim foi feita a sua vontade.

Rezámos a novena do Espírito Santo para que iluminasse os nossos Bispos. Na véspera fez-se uma hora santa também pelas intenções do mesmo Concílio.

No dia 11 ao meio dia tocaram festivamente os nossos sinos e ao mesmo tempo que em Roma e dirigimo-nos à Capela para assistirmos à Santa Missa e assim estarmos mais unidos activamente ao Santo Padre e às intenções do Concílio.

Caneco

## Um Anúncio

Malas, são precisas malas.

Já as pedimos, há meses, e vieram algumas, poucas.

Agora, são os nossos tropas; são os do Lar, que não têm onde guardar a sua roupa enquanto as obras não terminarem; é o Américo, que começou já a preparar a festa do Natal, que depois meterá «tournée» pela Província. Depois, com o Coliseu e as festas nas outras cidades, não há onde transportar o guarda-roupa. E todos, com Américo à frente, me fritam por malas e delas tirones.

Ora eu não me importo nada com a tironesia das ditas. O que eu queria era ter malas para calar os importunos.

Vejam os Senhores, se por lá se arranja alguma coisa...

Visado pela  
Comissão de Censura

# CARTA D'AFRICA

Senhor P.e Manuel

Hoje não tenho mãos a medir: é para o Senhor, Senhor P.e José Maria, Mãe Irene, Ramada, Jorge (Areosa), Elisa e não sei mais quem. Por vezes dou a impressão que sou preguiçoso mas nem sempre isso acontece, até pelo contrário. Tenho tido notícias de meu irmão e segundo ele deve vir para cá nos princípios de Outubro. Vem para L. Marques ou próximo, o que deve tornar impossível um encontro nosso.

Na realidade em Angola têm feito muito e muito mais se poderia fazer aqui, mas infelizmente isso não acontece. Não consigo compreender um certo número de coisas. Uma vez que estamos em paz porque não se faz tudo para que ela continue? Não senhor, só se preocupam com a instrução militar e nada mais, quando, se a maneira de pensar fosse outra,

nunca seria preciso empregar as armas. A nossa vitória está no bem que se fizer por este povo e não a fogo. É certo que ele não pensa aquilo que é a causa de nós estarmos aqui, mas uma vez bem formados e integrados nos nossos costumes tudo seria mais fácil.

Vivo com ansiedade o dia de ver instalar aqui industria e abrir novos horizontes. Tanto rapaz que não tem modo de vida aí, mas, por que não vê o seu futuro garantido, não pensa ficar. Quando é que os «grandes» abrem os olhos e o cofre, quando?!... Não sei!

Tudo continua bem e eu sempre na mesma. Abraços para todos com um xi muito grande para o Senhor e Senhor P.e Carlos. O Seu

Joaquim Gomes



## Auto-Construção

Muitos nos têm perguntado se Auto-Construção ajuda este ou aquele, mesmo que seja pobre, a fazer a sua casa. Respondemos que não. Não é esse o caminho escolhido, ao menos por enquanto. Poderia ter sido e redundaria mais fácil. Mas não foi. Trabalhar com grupos é muito mais difícil. Há e haverá sempre quem ajude este ou aquele trabalhador pobre a levantar a sua própria casa. Graças a Deus, o exercício da caridade reveste mil e uma modalidades. Aqui será uma pessoa de família, ali será um patrão, além será uma empresa. Para que haja Auto-Construção, tal qual nós a entendemos, tem de formar-se um grupo numa terra ou, quando muito, em povoados vizinhos. Esse grupo poderá ter apenas rapazes solteiros. Seria o melhor, desde que eles, em conjunto, oferecessem um mínimo de garantias. Um dos ideais de Auto-Construção é que os rapazes, quando chegarem ao casamento, entreguem, como dote, às suas noivas, uma casa construída por eles mesmos. O melhor seria que os grupos de Auto-Construtores fossem formados por rapazes solteiros. Algumas vezes não poderá ser. Porquê? Porque nesse grupo tem de haver um ou outro elemento com garra de chefe, que, naturalmente, seja escolhido pelos outros para dirigir os trabalhos, que, naturalmente se faça obedecer. Também será indispen-

sável que do grupo façam parte alguns operários de construção civil que saibam o que andam a fazer. Uma casa é uma obra de responsabilidade que exige alguma competência e alguma consciência profissional. Ora pode acontecer que numa terra pequena—Auto-Construção também deverá ser para as terras pequenas—não haja rapazes com tais qualidades, com tais dotes. Que fazer então? Formar um grupo de oito, dez ou doze—poderá ter outro número de elementos, mas assim talvez seja melhor—rapazes solteiros e homens recentemente casados. Nunca haja pressa na formação definitiva do grupo. Não esquecer que está aqui, em grande parte, o segredo, a chave do problema. Infelizmente há pessoas que só com muita dificuldade trabalham em grupo. É certo que Auto-Construção não querará apenas trabalhar com elementos formados, com gente de elite. Nada disso. Auto-Construção quer formar caracteres no trabalho e pelo trabalho. Não estaremos à espera de encontrar gente bem formada para começar. Não é esse, de maneira alguma, o melhor método. Será no trabalho, pelo trabalho e através do trabalho que Auto-Construção irá, pouco a pouco, criando uma nova mentalidade. É, no entanto, indispensável que no grupo haja alguns elementos com valor humano e profissional.

(Toda a correspondência para Auto-Construção—Aguiar da Beira).

Padre Fonseca

Pelas notícias que se seguem à que ultimamente publicámos, da pena do irmão Jaime, concluímos que o «mimo» do Américo foi passando e que ele ia mostrando o que valia.

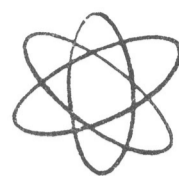
Em carta de 1/Junho/1907, dirigida ao P.e José, a Mãe dá notícias de toda a Família e mais esta: «O Jaime mandou-me dizer que tem o Américo muito bem empregado numa Companhia inglesa onde pode ser um homem».

Outra carta, um pouco posterior, revela-nos que o Américo foi à inspecção militar a Quelimane em 19/Agosto/1907 e ficou livre.

É novamente a Mãe quem dá notícias em 12/Janeiro/1908:

«O Américo mandou ao Pai a consuada de 18 libras em oiro para um varino».

Um ano depois, em 13 de Fevereiro de 1909, é, uma vez mais, pela Mãe, que sabemos: «O Américo tem escrito. Es-



## FACETAS DE UMA VIDA

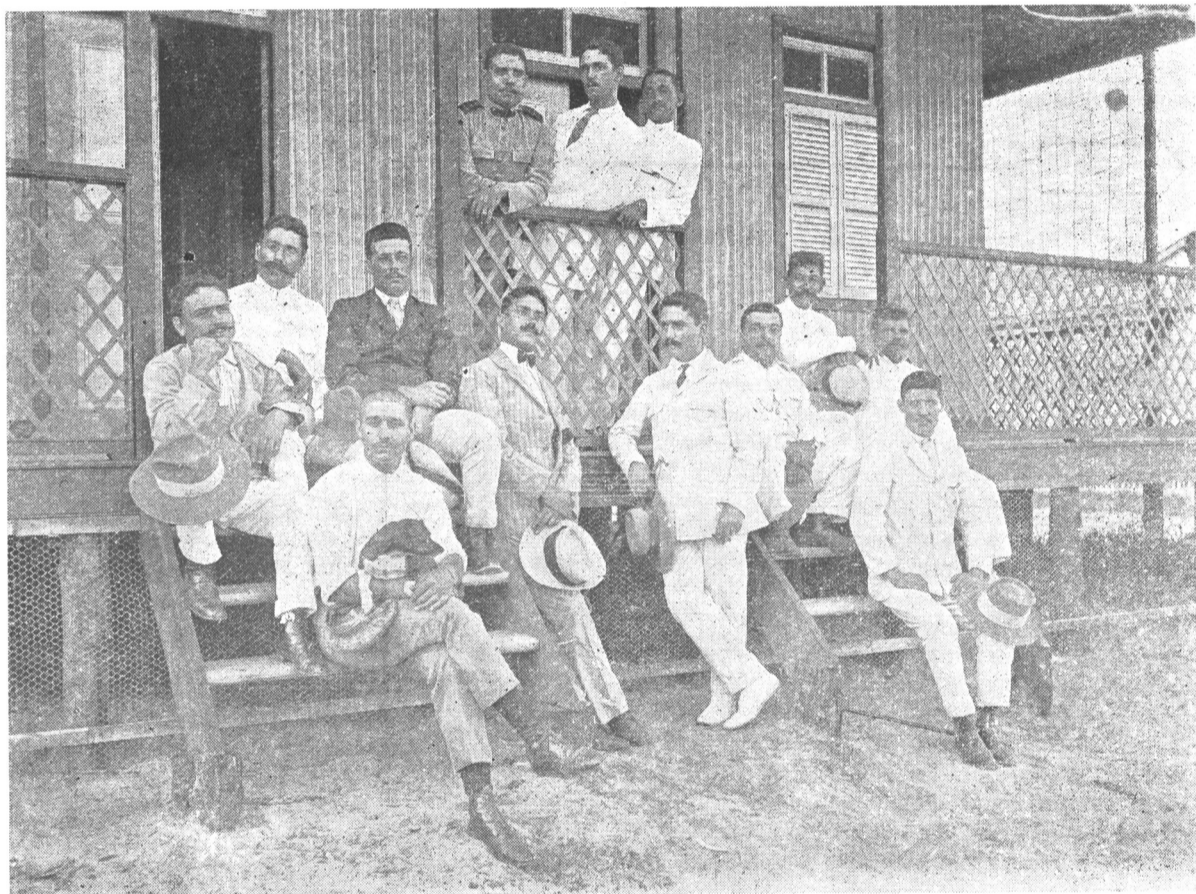
tão bons. Mandou uma libra à Rita e outra à Amélia da Botica e a mim um anel e ao Pai 10 libras pelo Natal. E diz um capitão que veio aqui trazer as encomendas, que ele estava um rapaz à altura, que era caixeiro despachante a bordo na língua portuguesa, francesa e inglesa e que admirava a aptidão que ele tem para tudo isto e que ajudava todos os dias à missa ao Sr. Padre Vicente e o tempo que lhe chega para tudo».

Esta carta da Mãe era ainda dirigida ao P.e José, cujo regresso ela aguardava «para Maio, pela conta do Sr. Bispo». E o seu coração de Mãe batia na esperança de que ele viesse de vez e por cá ficasse.

Assim foi. P.e José chegou a Cête em 24/Maio/909, onde foi festivamente recebido, conforme uma curiosa fotografia que nos foi dado ver.

Por isso esta é a última carta da Senhora Terezinha de Antelagar ao filho P.e José, cuja faceta de arqueólogo estudioso lhe dava para guardar toda esta correspondência, que ora nos tem sido preciosa. Neste gesto de arquivar papéis antigos, não eram nada irmãos P.e José e Pai Américo!

Decerto a Mãe teria escrito aos outros filhos ausentes, mas nada se achou, para já. Esta é, pois, a última carta conhecida da Mãe Tereza, que faleceu em 12 de Dezembro de 1913.



No Chinde, à porta da «república». O Américo é o de cabelo rapado

## CAMPANHA DE ASSINATURAS

PORTO/LISBOA — Os senhores da capital apresentaram-se em grande forma. E como a gente fica radiante! Sim; porque desejamos conquistar os lisboetas. E ninguém pode realizar melhor o nosso desejo que os amigos leitores e assinantes da capital do império. Realmente, se cada um acaçasse, ao menos, um — ó revolução! Leva a palma, na precisão, o assinante 1840, com «um grupinho de novos assinantes», acentuando: «Espero sejam dos bons». E nós, idem.

O Porto não despertou. Mas compareceu — o que já não foi nada mau. Pode ser que, na próxima quinzena, dê cartas. Vamos a ver.

DO MINHO AO ALGARVE — Nem cansaço, nem desinteresse! Esta é a coluna forte da precisão. Tão vibrante como na pri-

meira hora! E cheia de testemunhos plenos d'amor pela santa causa do Famoso. Ora vejam:

«Pertencço ao número dos novos assinantes do nosso jornal «O Gaiato». Digo nosso porque sou rapaz e ele é obra dos rapazes, embora não sejam só eles a lê-lo, mas sim todas as pessoas, pois a sua doutrina fará bem a quem o ler, quer sejam novos ou velhos, do sexo masculino ou feminino.

Quando recebi este último número, peguei-lhe com a intenção de ler alguma coisa, mas o meu interesse foi tal, que o li todo e ao verificar que havia chegado ao fim, tive pena de não ser muito maior».

É um novo assinante! Um Rapaz de Casal da Pinheira. Não importa quem. É um Rapaz. O seu testemunho, no entanto, e apesar de idêntico a muitos no historial do Famoso, tem para nós ainda,

realmente, um sabor de novidade — «o meu interesse foi tal, que o li todo e ao verificar que havia chegado ao fim, tive pena de não ser muito maior». Senhoras e senhores, rapazes e raparigas, ponham aqui os olhos e correspondam ao interesse deste jovem.

O desfile continua. Passa gente fresca de Sintra, Elvas (a minha terra!), Alcácer do Sal e Estoril. Mais Sobrado (Valongo), Chaves, Setúbal e Rio Maior que afirma: «Pedia não demorassem a principiar o envio do jornal para a interessada, para que ela não julgue que não me interessei».

ULTRAMAR — Angola fez uma pausa! Todavia, Moçambique não quis faltar. E segue radiante, com presenças de Quelimane, Lourenço Marques e Inhambane: «Mando mais duas assinaturas. Peço para enviar o Famoso o mais breve possível. Tenho muita fé nele para ajudar especialmente a primeira. Mandem logo que recebam esta, sim?» Já seguiu. Tivessemos nós uma mala dos TAP por nossa conta — e reduzir-se-ia tempo e distância! Seria ouro sobre azul.

Júlio Mendes

